

## O TRABALHADOR, O TRABALHO, O CAPITALISMO E AS SUAS QUESTÕES PSICOLÓGICAS *WORKER, WORKING, CAPITALISM AND PSYCHOLOGICAL ISSUES*

Francisco Eudison da Silva Maia<sup>1</sup>, Francisca Rosane da Costa Lima<sup>2</sup>, Francisca Erica da Silva Maia<sup>3</sup>

Atualmente, observa-se uma pressão de ordem psicológica constante contra a grande massa de trabalhadores existente em quase todo o mundo. Os trabalhadores sentem-se sobressaltados e angustiados, pois a única ferramenta de que dispõem, sua força de trabalho, pode ser dispensada a qualquer momento.<sup>1</sup> Amorim<sup>2</sup> deixa bem claro que o trabalho dignifica o homem, e finaliza acrescentando que seu sonho é sua vida, e vida é trabalho, e sem o seu trabalho um homem não tem honra.

Entretanto, o desprezo assola o universo do trabalhador e traz consequências drásticas para todos os que têm em seu trabalho sua única forma de sobrevivência. Esta pressão é oriunda da exigência da qualificação, que em meio a esta situação alguns são absorvidos, exigidos, sugados, gerando para o trabalhador “um complexo monstruoso”.<sup>1</sup>

Que o trabalho tem seus benefícios, isto é inegável.<sup>2</sup> Contudo, quando a possibilidade do trabalho não se concretiza, a realidade adentra e fere o psiquismo humano, fazendo com que as pessoas sintam-se exigidas, e o sentimento de impotência e de desvalorização, que leva as pessoas pouco resistentes a degenerarem-se rapidamente, avilta de si qualquer potencial humano que pudesse ser somar às conquistas da civilização.<sup>1</sup>

Talvez o problema não seja diretamente o trabalho e sim o capitalismo. Para Pinto e Sgarretta,<sup>3</sup> a construção de uma sociedade verdadeiramente emancipada e livre só será possível por meio da conscientização dos seres humanos e de uma tomada de posição rebelada frente à desumana realidade social imposta pelo capitalismo. Heloani e Capitão<sup>1</sup> colocam que a barbárie do pensamento capitalista instaura na contemporaneidade a desumanidade das relações humanas, que se desqualificam quase totalmente. Ele sim (o capitalismo) pode mudar de cidade, de nome, de país, de ramo de atividade, deixando seus trabalhadores em pleno mar de incertezas e retirando-lhes a identificação com sua prática diária e com a empresa para a qual trabalham.

Entretanto existe um paradoxo a ser compreendido, que os autores<sup>1-6</sup> em estudo não conseguiram dirimir e que provavelmente ninguém irá fazer. Quem é o principal ator do capitalismo? É o próprio homem através do seu trabalho? Que conforme Kubo e Gouvêa<sup>4</sup> gasta nele aproximadamente um terço dos momentos em que está acordado. Esta quantidade de tempo tende a ser maior se adicionalmente for somado todo o tempo em que o indivíduo gasta preocupando-se, planejando, em treinamento e em outras situações relacionadas com o trabalho. Enfim, uma parte substancial da vida de um adulto será voltada para essa atividade. Ou o Estado com o seu sistema governamental?<sup>1</sup>

Por momento, a única coisa concreta é que o homem passa uma boa parte da vida envolvido com trabalho e isto tem um preço. Ele acaba dando ênfase a esta atividade em detrimento às outras coisas, como família, religião, vínculos sociais, entre outros. Isto pode acarretar solidão, pois o trabalho

é temporário e devido o relacionamento exacerbado com ele, os indivíduos indiretamente rompem alguns laços sociais, gerando, por muitas vezes, pessoas isoladas e esquizoides.<sup>4</sup>

Para Marx, o homem tem que trabalhar, pois não se pode produzir sem consumir, e este consumo está relacionado diretamente ao trabalho.<sup>1</sup> A importância do trabalho é algo inquestionável. Carmo<sup>5</sup> coloca que é realizando essa atividade, que o homem se transforma, se autoproduz e se relaciona com outros homens, estabelecendo desta forma a base para as relações sociais.

Entretanto, a vivência depressiva que o trabalhador se coloca em relação ao trabalho, gera a alimentação da sensação de adormecimento intelectual, de esclerose mental, de paralisia da fantasia e da imaginação, culminando em angústias, estados depressivos, ansiedade, medos inespecíficos e sintomas somáticos como sinais marcantes de sofrimento mental.<sup>1,6</sup>

O problema, e isto momentaneamente é o que podemos concluir, é que ainda vivemos com a propriedade capitalista, onde o trabalhador trabalha e outro lucra com seu trabalho; ao invés de se libertar, se torna escravo, e no lugar da dignidade sofre humilhações e detrimientos em sua saúde psicológica.

### REFERÊNCIAS

1. Heloani JR, Capitão CG. Saúde mental e psicologia do trabalho. São Paulo Perspec. 2003;17(2):102-8.
2. Amorim RHP. O trabalho, um direito da personalidade. Jus Navigandi [Internet]. 2012 [acesso em 25 jun. 2013]. Disponível em: <http://jus.com.br/artigos/22284/o-trabalho-um-direito-da-personalidade>.
3. Pinto GA, Sgarretta G. Györgylukács: compreendendo a reprodução da vida em sociedade por meio do trabalho e da educação. In: Anais do V Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão do Centro de Educação e Letras. Foz do Iguaçu: UNIOESTE; 2010 [acesso em 20 jul. 2013]. Disponível em: [http://www.foz.unioeste.br/~eventos/anaisvsepecel/textos/texto\\_sepecel\\_2010.pdf](http://www.foz.unioeste.br/~eventos/anaisvsepecel/textos/texto_sepecel_2010.pdf).
4. Kubo SH, Gouvêa MA. Análise de fatores associados ao significado do trabalho. Rev Adm. 2012;47(4):540-54.
5. Carmo PS. A ideologia do trabalho. São Paulo: Moderna; 2001. p. 15.
6. Segre M, Ferraz FC. O conceito de saúde. Rev. Saúde Pública. 1997;31(5):538-42.

### Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 17, n. 2, p. 106, 2015

1. Acadêmico do curso de Fisioterapia - Universidade Potiguar (UNP), Campus Mossoró.
2. Acadêmica do curso de Administração - Universidade Potiguar (UNP), Campus Mossoró.
3. Graduada em Ciências Biológicas - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).  
Recebido em 10/8/2013. Aceito para publicação em 30/10/2014.  
Contato: eudisonmaia@yahoo.com.br